

Não há saída rápida para a armadilha dos arcaicos

A queda do terceiro ministro da Fazenda desta "Nova" República em menos de três anos põe novamente os brasileiros do País real diante da angustiante pergunta: que fazer para escapar à armadilha em que nos meteu o estelionato eleitoral do Plano Cruzado?

Desgraçadamente, não há nada de prático que possa ser feito. Parece que não há mesmo atalho possível para que deixemos de pagar o pesado preço da pior parte do "entulho do autoritarismo" que é a presença no topo da pirâmide da política brasileira dos mesmos homens que deveriam ter desaparecido há pelo menos 20 anos. Se tivéssemos podido praticar a democracia durante todos esses anos em que ela permaneceu congelada no Brasil, muito provavelmente estes homens já teriam chegado antes ao poder, provado, como estão provando agora, o quanto valem, e despertado a mesma unânime rejeição, por parte dos brasileiros, que hoje eles despertam. O processo eleitoral se encarregaria, então, da limpeza e da renovação na velocidade possível e nós já teríamos percorrido a pior parte do caminho que ainda teremos de percorrer. A principal vantagem seria a de que, nesse caso, estaríamos percorrendo este calvário junto com tantos outros países cujos povos se deixaram iludir pela doença ideológica que marcou a adolescência política da maior parte dos países ocidentais e não absolutamente sozinhos como estamos fazendo hoje. Os que erraram no passado tinham pelo menos a sensação de que estavam acertando, já que tantos erravam juntos, enquanto nós, que erramos hoje sozinhos, não temos nenhuma ilusão sobre a inutilidade do sacrifício que nos estão impondo. Assim, em vez de entusiasmo, temos de amargar é uma enorme humilhação.

O Brasil da "Nova" República é, no momento, a coisa mais fora de moda deste planeta. O País real, cuja atividade não cessou ao longo de 20 anos de arbítrio durante os quais — ainda que não passasse incólume por eles, sendo também marcado pela parte do "entulho" que lhe coube na forma de vícios nascidos do seu necessário relacionamento com o País oficial — continuou tendo de se manter suficientemente moderno para não sucumbir à competição internacional. Agora chocase de frente com o arcaísmo de políticos e "intelectuais" cujas inteligências adormeceram nos primeiros anos da década de 60 e que agora ressurgem dela, turvadas por telas de aranha, com os mesmos sonhos e maneirismos que foram obrigados a manter adormecidos durante os 20 anos em que o resto do mundo mudou. Assim, a inútil luta ideológica que marcou a vida política do Ocidente na década de 60 é reeditada aqui, sem incorporar sequer uma modernização do jargão em que ela se expressava. E enquanto o resto do planeta abraça a cooperação para o progresso, convencido empiricamente de que só se pode melhorar se todos melhorarem, aqui, das universidades — como demonstrou de modo eloquente o nosso colaborador J.O. de Melra Penna, ontem, nesta página — à cúpula do governo, todos dançam ainda a velha música da luta entre as classes e da subversão ideológica que o mundo descartou por inútil e danosa para todos...

Não é, portanto, apenas o presidente Sarney quem está perdendo o apoio popular e o resto de apoio parlamentar que tinha. É o governo do PMDB que está perdendo tudo isso. Não há contradição nisso. Foi uma fatia muito fina do PMDB que governou até agora, sempre na base de golpes da minoria sobre a maioria, incluindo a maioria peemedebista.

O sr. Covas fala ainda em "recuperar bandeiras que já foram nossas" e em procurar "propostas claras e definidas para sabermos para onde iremos". E aqui cabe-nos recordar que foi por ter o PMDB do sr. Covas imposto as suas arcaicas "bandeiras" a todo o País que chegamos ao que chegamos. Que é exatamente de "propostas" como as dos seus impostos "sociais", "moratórias dogmáticas", do seu nacionalismo burro e do seu autoritarismo presunçoso que o Brasil está cheio.

E mais: o Brasil já sabe que entre "históricos" e "mups", "progressistas" e "conservadores", PMDBs, PTs, PTBs e até os outros "Ps", que hoje compõem a nossa pirâmide política, só varia a graduação com que todos nos querem ver submetidos à mesma ditadura econômica, seja sob pretexto ideológico ou não.

Deste meio é que não sairá o remédio para tudo isso. É o País real, moderno, que terá de produzir uma nova geração de políticos capaz de representá-lo se quiser livrar-se da camisa-de-força do arcaísmo que aí está.

Só nos resta mesmo persistir no único caminho seguro que é da prática da democracia e esperar que ao menos tenhamos um terreno institucional mais ou menos definido (pela nova Constituição) para que possamos pensar nos meios e modos de desmontar a armadilha em que ficamos aprisionados depois do estelionato eleitoral do Cruzado.

Enquanto isso, teremos de nos limitar a observar cuidadosamente (para evitar que caímos em novas armadilhas) as manobras, já em franco desenvolvimento, dos grandes baluartes do arcaísmo político, para evitar que a unânime rejeição do País real contra eles não resulte naquilo que ela promete resultar, ou seja, no seu apeamento do poder na primeira oportunidade que se apresentar ao eleitorado. Com um cinismo digno do seu retrospecto, é o PMDB quem puxa a fila, tentando aproveitar a demissão do ministro Bresser Pereira para tirar "o seu" da seringa. Todos querem abandonar o navio que vai indo a pique torpedeado pela sua própria incapacidade. E é tal o alívio dos que vêm no episódio da demissão do ministro o passe para o bote salva-vidas, que esta movimentação toda dá margem a que se pense se ela não foi um lance amadurecido entre as eminências pardas que ditam o comportamento "do partido".

Pouco antes de embarcar para o seu Natal em Nova York (afinal, os tempos não estão "bículos" para todos os brasileiros...), o sr. Ulysses Guimarães, por exemplo, confessava a um amigo que "para nós (o PMDB), a demissão de Bresser foi o melhor que poderia ter acontecido". Mas o dr. Ulysses foi dos mais discretos entre as lideranças dos vários PMDBs. O sr. Mário Covas, comandante do golpe da Sistematização, apoiado pelo sr. Fernando Henrique Cardoso e outros peemedebistas "históricos", foi muito mais longe, pendurado no mesmo "ganco". "A saída do ministro Bresser Pereira foi resultante da não concordância do presidente Sarney com a implantação de medidas econômicas que o PMDB tem em seu programa. O partido defende a tributação dos bens de capital. Ao não aceitar essa tributação, o presidente foi contra uma das metas programáticas do PMDB." E, isto posto, os tais "históricos" declaram agora oficialmente, que se desligam do governo — que arrasaram com os seus "economistas" —, conquanto insistam em manter nas mãos o pedaço dele que controlam diretamente e por meio do qual exercem a sua ditadura sobre a política (de guerra) comercial e (de guerra na) informática, e continuam trabalhando para bombardear o acordo com os credores, entre outras coisas. Mas isto não é o que nos interessa agora. O interessante é examinar a desculpa do sr. Covas. Qual seria a "proposta do PMDB" que o ministro Bresser Pereira caiu defendendo? E a proposta de qual PMDB: o da minoria que seguiu Covas no golpe da Sistematização ou o da maioria que foi engrossar o Centrão para dar-lhe o contra-golpe?

Bresser era mesmo o ministro do PMDB, ou ele acabou sendo ministro porque o dr. Ulysses vetou a primeira escolha de Sarney e este, para se vingar, vetou a primeira escolha daquele PMDB? Não foi o ministro Bresser Pereira quem suspendeu a moratória dogmática e programática desse PMDB a que o sr. Mário Covas se refere? Não foi ele que retornou os contatos com o FMI que o PMDB do sr. Covas pinta como o próprio demônio? Não foi ele que arrochou os salários, coisa que o PMDB jurou que nunca faria? Ou que pretendia lançar um pacote que embrulharia principalmente os assalariados?

Onde estava o rígido sr. Mário Covas com seu tom de baixo-tuba e os seus sequazes "históricos" enquanto tudo isto estava acontecendo?

Mas mais que isso: foi só o presidente Sarney que recusou apoio à idéia de taxar o capital? A verdade é que o PMDB inteiro permaneceu em silêncio quando ele apresentou sua idéia. Nenhuma voz se levantou para defendê-la e ninguém se lembrou que o tal imposto fazia parte do "programa" do PMDB. Foi o próprio Bresser Pereira quem levantou esta lebre para dar a desculpa para a sua demissão, exatamente como estão fazendo agora o sr. Covas e os seus liderados para abandonar o barco do governo no qual o comandante do golpe da Sistematização já percebeu que não conseguirá chegar aonde quer, que é onde está fritado: José Sarney. E ele sabe bem disso porque está perfeitamente ciente de que este barco está afundando exatamente porque o sr. Sarney deixou que o PMDB o comandasse por tempo demais...